

QUANDO O CURRÍCULO NÃO CONVERSA COM A VIDA: A DESCONEXÃO ENTRE O QUE SE ENSINA E O QUE OS JOVENS VIVEM

WHEN THE CURRICULUM DOESN'T SPEAK TO LIFE: THE DISCONNECTION BETWEEN WHAT IS TAUGHT AND WHAT YOUNG PEOPLE EXPERIENCE

Fabício Augusto Correia da Silva¹

Antonio César Aiello²

Igor Terezane Nardocci³

Ubirajara Donisete Ferreira Leão⁴

Emerson Aparecido Augusto⁵

Fernando Dresch Obregao⁶

Avaetê de Lunetta e Rodrigues Guerra⁷

ISSN: 1518-0263

DOI: <https://doi.org/10.46550/t3c62848>

Publicado em: 18.11.2025

Resumo: Este estudo tem como objetivo investigar os principais fatores que contribuem para o desinteresse e a perda de engajamento dos alunos do ensino médio em relação aos estudos. Para isso, utilizou-se uma abordagem qualitativa baseada em análise documental, buscando compreender diretamente o comportamento dos estudantes durante as aulas, suas interações e a dinâmica didática empregada. As informações coletadas foram examinadas a partir das respostas obtidas, permitindo identificar elementos relevantes do processo de ensino-aprendizagem, como a influência das mídias sociais, a desconexão entre o conteúdo curricular e a realidade dos alunos, e os dilemas socioemocionais e sociais que impactam seu envolvimento. Os resultados revelam que o desinteresse está intimamente ligado à percepção de aulas monótonas, à ausência de práticas pedagógicas que promovam participação ativa e à dificuldade dos estudantes em relacionar o conhecimento escolar com suas experiências e expectativas. Conclui-se que é urgente reavaliar os processos de aprendizagem, investindo em metodologias mais responsivas e fundamentadas, bem como em suporte afetivo e orientação, a fim de resgatar a motivação dos alunos e promover um ambiente educativo mais acolhedor e estimulante.

1 Universidade Federal de São Paulo, SP, Brasil.

2 Universidade de Araraquara, Brasil.

3 Universidade de Araraquara, Brasil.

4 Universidade Federal de São Carlos, Brasil.

5 Universidade Federal de São Carlos, Brasil.

6 Universidade Federal de São Carlos, Brasil.

7 Universidade Federal de São Carlos, Brasil.



Palavras-chave: Desengajamento estudantil; Ensino médio; Processo de ensino-aprendizagem; Metodologias pedagógicas

Abstract: This study aims to investigate the main factors that contribute to the disengagement and loss of interest among high school students regarding their studies. A qualitative approach based on document analysis was employed to directly examine students' behavior during classes, their interactions, and the didactic strategies used. The collected information was analyzed using the responses obtained, allowing the identification of relevant elements in the teaching-learning process, such as the influence of social media, the disconnection between curricular content and students' realities, and the socio-emotional and social challenges that affect their engagement. The results reveal that disengagement is closely related to the perception of monotonous classes, the absence of pedagogical practices that promote active participation, and students' difficulty in relating school knowledge to their own experiences and expectations. The study concludes that it is urgent to reassess learning processes by investing in more responsive and evidence-based methodologies, as well as affective support and guidance, in order to restore students' motivation and promote a more welcoming and stimulating educational environment.

Keywords: Student disengagement; High school education; Teaching-learning process; Pedagogical methodologies

Os desafios do ensino na atualidade: como mudar a deficiência da participação nas salas de aula?

O processo de ensino, mesmo que seja visto como uma realidade social singular, passa por reveses progressivamente mais complexos e variados. Um dos dilemas mais habituais nas salas de aula atualmente é a escassez de envolvimento dos estudantes no sistema de ensino-aprendizagem. Essa dificuldade não é recente, mas se intensificou com os avanços tecnológicos e socioculturais que determinaram mudanças estratégicas na sociedade, requerendo dos docentes práticas pedagógicas modernas que superem a alienação temática e promovam o envolvimento ativo dos alunos.

A ausência de cooperação dos estudantes nas aulas deve ser versada como a inexistência de compreensão expressiva nas tarefas propostas, o que se evidencia em condutas a exemplo da apatia, desmotivação, evasão escolar, baixa associabilidade com docentes e colegas, e pouca determinação para alcançar o conhecimento de maneira autônoma e reflexiva. Tal contexto implica não somente a produtividade acadêmica, mas igualmente a constituição crítica e cidadã dos estudantes.

Inúmeros motivos coadjuvam a tal realidade. Entre eles, salienta-se o padrão corriqueiro de ensino, até então largamente praticado em diversas instituições de ensino, assentado no ensino tradicional e ponderado na pessoa do docente como autoridade inquestionável em suas posições e afirmações. Esse princípio desdenha as modernas maneiras de aprender, familiarizadas a diálogos rápidos, exteriores e participativos, peculiaridades do universo tecnológico no qual

estão incorporadas. Desta maneira, a escola frequentemente se revela fora de sintonia com a realidade dos alunos, advindo como um ambiente pouco atraente.

Outro elemento resultante é o choque das inovações e das mídias sociais. Ainda que oportunizem diversas perspectivas para o ensino, elas igualmente pleiteiam pela magnitude dos estudantes e, em diversos casos, efetivam alienação e leviandade nas conexões com o conhecimento. Além do mais, condições socioeconômicas, afetivas e familiares identicamente corroboram continuamente com o comprometimento dos alunos, essencialmente em âmbitos de exclusão social, onde indagações como vulnerabilidade alimentar, violência doméstica ou inexistência de suporte escolar no domicílio surgem como entraves formativos à participação.

Frente a essa conjuntura, é premente reavaliar os métodos de ensino e viabilizar veredas que edifiquem a primazia estudantil do estudante. Para comutar esse cenário, é essencial investir em estratégias inovadoras de ensino, a exemplo da experiência alicerçada em projetos, sala de aula invertida, cases, gamificação, rodas de conversa, dentre outras. Tais interpelações propiciam o comprometimento ao inserir o estudante no centro do sistema, fomentando a perspicácia, a cooperação e a solução de problemas reais.

Ademais, a utilização pedagógica das novas tecnologias consegue ser uma aliada poderosa quando bem norteada. Mídias sociais associativas, realidade virtual de conhecimento, entre outros recursos educativos, deve ampliar e debater com o dialeto dos alunos, desde que mediados por uma arbitragem perspicaz e analítica através dos educadores.

A função do docente, através dessa nova abordagem, igualmente necessita ser ressignificada. Além de mero difusor de conteúdos, ele precisa influir como mediador de conhecimento, tutor de saberes e catalisador do raciocínio analítico. Portanto, é essencial que os expertos da educação tenham aperfeiçoamento adequado, amparo institucional e principalmente tempo para idealizar e ponderar acerca de suas práticas.

Nesse sentido, Allan (2009, p. 1), afirma que

o professor deixa de ser o detentor exclusivo do conhecimento e passa a ser um orientador de trabalhos de pesquisa, possibilitando que os alunos desenvolvam competências relacionadas à habilidade de selecionar conteúdos, interpretar adequadamente uma informação, fazer uma leitura crítica do meio, dominar os recursos de busca nas diferentes mídias, produzir textos e comunicar-se de forma rápida e eficiente utilizando as ferramentas digitais.

Finalmente, a edificação de uma cultura institucional comunicativa requer deste modo um espaço humano, igualitário e abrangente, em que os estudantes se sintam prestigiados, acolhidos e concernentes. O enrobustecimento do elo através da escola, família e comunidade é primordial nesse sistema, formando uma rede de sustento que dignifique o ensino como direito e como ferramenta de emancipação.

Assim sendo, suplantar a insuficiência da participação nas salas de aula é um revés de todos onde requer transformações intelectuais, comportamentais e até sociais. Reivindica um avistar vigilante às exigências dos estudantes, feição para inovar e bravura para transformar.

Para além de lecionar, é necessário instigar, motivar e edificar, com os estudantes, a sensação de aprender. Parte inferior do formulário

A solidão das carteiras escolares: razões pela qual inúmeros alunos do segundo grau não se atraem pelas escolas

As carteiras de estudos, enfileiradas em alas calmas e sossegadas, retêm narrativas de primórdios que por ali transitaram. Todavia, gradativamente, figuram estar desabitadas não somente acerca do desaparecimento humano dos estudantes, mas através do sumiço emblemático de seu fascínio, de seu abarcamento e sobretudo do seu encanto. A razão de que antes era o ambiente do agrupamento, da harmonia e da vivência, converteu-se, para inúmeros jovens, em um ambiente de contenda e desinteresse. O sistema educacional, que careceria de pulsar como espaço de vida e formação, constantemente se transmuta num contexto de desconexão emocional, em que educadores e estudantes coparticipam do mesmo ambiente físico, mas não do exato significado de estar ali.

Existe, antes de tudo, uma clara dessemelhança acerca do que a escola pratica e do que realmente o estudante vive distante dela. As temáticas, inúmeras vezes segmentadas e acrônicas, não conversam com as práticas do dia a dia, com as premências sociais ou com as realidades distintivas dos estudantes. O aluno do segundo grau, circundado por um universo mutável, científico e vertiginoso, não se distingue em ações que figuram ter estado paralisadas no tempo. Ao mesmo tempo que o universo fora do ambiente escolar se converte numa velocidade alucinante, a sala de aula até o presente momento desdenha dispositivos que privilegiem a conservação e a reiteração, em infortúnio da meditação e da criação. Assim, o espaço escolar deixa de ser conexão para o porvir e passa a figurar-se como um museu do ultrapassado.

Outro elemento crucial através desse isolamento é a ausência de vínculo afável e de correlação. A escola vigente, compelida por indicadores e índices de performance, menospreza, inúmeras vezes, que antes de alfabetizar, é necessário sentir-se amparado. O estudante, diminuído a resultados e notas, declina de sua identidade e se vê como componente de um grupo que o reputa, mas não lhe dá ouvidos. Não há confabulação, escuta, compreensão e lugar a fim de que o estudante manifeste suas incertezas e indagações. A consequência é um apartamento silencioso onde ele está presente, mas não se comunica ou está presente, e não se circunda. Tal distanciamento simbólico é a maneira mais demasiada de evasão escolar, o subterfúgio de evasão da consciência antes da do corpo.

Além de tudo, o ensino secundário habitua-se a ser um estágio de transição e transgressão. O estudante é compelido a redesenhar seu porvir, selecionar uma atividade profissional e se planejar para seleções ou exames, mesmo sem entender plenamente quem é e o que pretende. O universo escolar, em vez de auxiliá-lo a se discernir, constantemente fortifica a gravidade dessas possibilidades. O discernimento se torna ferramenta de antagonismo, não de autorreflexão. O conhecimento, ao invés de estimular interesse, se transforma numa atribuição. E aquilo que é

forçado sem essência raramente despertará entusiasmo. Deste modo, o estudante não se suscita através do espaço escolar porque nela não reencontra o ambiente de contemplação e autonomia que seu presente de vida reivindica.

Apesar disso, a influência tecnológica redireciona as maneiras de aprender e de se relacionar com o saber. O estudante moderno está habituado à interatividade, à celeridade e à independência que o espaço digital oportuniza. Em contrapartida, a escola condiciona uma estrutura robusta, em que a sapiência flui numa única direção do educador para o estudante. Tal descompasso acerca da cadência do universo e do ritmo da escola provoca ansiedade, desinteresse e incongruências. O estudante tenta colaborar, edificar, experienciar, entretanto, as escolas inúmeras vezes o impossibilitam de agir, preferindo que ele somente ouça e reproduza. O resultado é um precipício gradativo por meio da maneira como o jovem se desenvolve e da forma como o sistema educacional doutrina.

O deserto das carteiras escolares, entretanto, não é somente peculiar, mas corporativo. Ela manifesta-se contra um método pedagógico que declinou sua habilidade de sensibilizar e de inspirar. As carteiras estão desabitadas devido aos conteúdos, conjuntamente também estando. Falta à escola a autoridade de resvalar a trajetória estudantil, de revelar-lhe que educar é simplesmente um modo de condensar conhecimentos e descobrir-se no universo. A juventude se desdenha devido ao espaço escolar, inúmeras vezes, não o discernir como personagem do inerente aprendizado.

Converter essa imagem requer preferencialmente reorganização estrutural, reivindica uma mudança de reorientação. O ambiente escolar necessita preservar sua identidade como ambiente de humanidade. Necessita transverter suas carteiras desabitadas em mesas de agrupamento, suas aulas em confabulações e suas temáticas em pontos de união e afeto. No momento em que o estudante se vivenciar ser parte, quando o aprendizado fizer juízo, a inquietude dará espaço à permanência viva do conhecimento. O deserto das carteiras escolares, desse modo, se desdará não por imposição, mas através do revigoramento da prática do aprender.

Ensino desprovido de cuidado: por que os jovens se desmotivam na educação intermediária?

Em anos recentes, as instituições de ensino enfrentam obstáculos gradativamente mais aparentes, ou seja, a indiferença dos indivíduos em relação à educação intermediária, essencialmente quando se trata do ensino fundamental e médio. Tal acontecimento, regularmente ajustado de maneira evidente como explícita desconexão escolar, é, verdadeiramente, um indício de um infortúnio mais demasiado a um padrão de educação que se aparta da atenção, percepção e da vivência humana dos alunos. O ensino despojado de sensatez modifica o conhecimento num sistema mecânico, em que o estudante deixa de ser personagem para se volver somente a número, nota ou estatística.

Contudo, a escola deveria promover uma situação social de desenvolvimento a fim de evitar ou minimizar que os alunos construam estratégias de sobrevivência – o desinteresse – e deve-se haver uma articulação do coletivo promovendo interação e vivência integrada da prática escolar ao sujeito (OLIVEIRA, 2017).

Em numerosas instituições de ensino, o enfoque exagerado por resultados, avaliações e metas pedagógicas uniformizadas tem desvanecido com o significado da formação como lugar de edificação de cuidado e pertencimento. Os jovens, em estágio de reconhecimento de si mesmos, buscam personalidade e objetivos, deparam-se nas salas de aula com temáticas desconexas e descontextualizadas, processos inflexíveis e relações formais. A escassez de laços profundos com docentes e colegas de classe reproduz uma indiferença emotiva que se expressa na ausência de compromisso e na sensação de ineficácia diante daquilo que é formado. A ponderação, que necessitaria ser a conexão condutora do sistema educativo, é sucedida por uma congruência de performance e resiliência.

A educação intermediária caracteriza uma transformação afável entre a infância e a vida adulta. Dessa forma, os indivíduos principiam a indagar o mundo e a si mesmos. Entretanto, o ambiente escolar por vezes não propicia lugar a fim de que tais inquietações encontrem suporte. Ao invés de viabilizar um espaço de colóquio e expressão, fortificam-se o absolutismo e a indiferença. Docentes atarefados, currículos inflexíveis e edificações precárias integram um contexto em que o estima e a oitiva se tornam magnificência, no momento em que deveriam ser primazia.

Além do mais, o sistema de ensino reiteradamente desconhece as realidades sociais e culturais que delineiam a juventude moderna. O espaço escolar ainda se move sob padrões de antigamente, enquanto os jovens nutrem-se num universo integrado, mutável e habitualmente instigante. Os métodos tradicionais, focalizados na exibição verbal e na memorização, embatem com as maneiras formais de edificação de conhecimento, mais harmônicas e participativas. A discrepância acerca do que a escola oportuniza e do que os alunos almejam reproduz insatisfação e apatia. No momento em que o ensino se abstém de dialogar com a vida, ele deteriora a capacidade de influenciar.

A prudência na educação não se remete a gestos de ternura, trata-se de um comportamento ético e político. Tomar conta do estudante é assegurar sua humanidade, respeitar seus limites, entender suas suscetibilidades e ofertar alicerce racional e cognitivo a fim de que ele se progrida plenamente. É gerar ambientes educativos que ativem a perspicácia, o contentamento e a sensação de pertencimento. No momento em que a educação é desprovida dessa atenção, molda-se um sistema tácito de abandono, no qual o estudante, sentindo-se despercebido, começa a enxergar a escola como um ambiente de dever, e não de compromisso.

Em compensação, atividades didáticas que privilegiem a sensatez revelam que é plausível modificar esse cenário. Docentes que se introduzem como conciliadores afetivos, que prestigiam a observância e a imaginação, buscam estimular o entusiasmo e a soberania dos jovens. Projetos

temáticos, colóquios e metodologias ativas unem o conhecimento da efetividade dos alunos e reassumem o entusiasmo pela aprendizagem. O engajamento, nesse contexto, manifesta-se acerca da repercussão natural de um sistema educativo que caracteriza o estudante como personagem e não como simples interlocutor de informações.

O desestímulo dos sujeitos, entretanto, não é indicativo de uma geração desinteressada, mas um espelho de um conjunto que deixou de tutelar. A escassez de sintonia e de conexão modifica o conhecimento em trabalho árduo e sem significado. Readquirir a reflexão sobre a convicção educativa é premente, pois somente uma formação que assegura o humano em sua integralidade pode conceber indivíduos analíticos, imaginativos e emocionalmente equilibrados. Doutrinar é, preliminarmente, um ato de consciência, e quando essa consciência inexiste, o ensino se priva de sua intelectualidade.

Estímulo em ameaça: de que maneira reconquistar o apreço dos alunos ao Ensino Médio

Atualmente, o Ensino Médio tem resistido a um processo de desgaste oculto, ou seja, à redução paulatina de motivação e comprometimento dos alunos. A opressão por indicadores, a ausência de aglutinação acerca das temáticas e da vida real, além do peso afetivo pessoal da adolescência, reforçam a ideia de que inúmeros jovens veem esse estágio apenas como um encargo e não como uma possibilidade de desenvolvimento. Redescobrir a dificuldade dos estudantes requer, preliminarmente, compreender essa tensão e tratá-la como um convite à renovação.

Nesse sentido, Santos et al. (2012, p. 296) afirmam que

os alunos querem estar na escola, valorizam-na, isso se manifesta de forma patente em suas narrativas, quando dizem que querem uma escola bem preparada para acolhê-los, o que contraria a opinião corrente de repulsa à escola”. Os autores destacam que a escola ainda é vista como um ambiente onde várias atividades podem ser feitas, lugar de obrigação e da “salvação”, meio de ascensão escolar e esperança de um futuro melhor, mas esperam da mesma que os acolha com mais organização, mais opções de aprendizado, principalmente na estrutura das aulas, como veremos no item a seguir (Santos et al., 2012, p. 296).

A premissa está em ouvir o aluno entender suas perspectivas, suas instigações e seus sonhos a fim de que o espaço escolar seja capaz de se resignificar como um ambiente de diálogo, respeito e interesse. Desde então, é primordial interligar o currículo à efetividade, revelando a peculiaridade tangível do que é assimilado, seja através de delineamentos práticos, aprendizagem ativa ou cooperações com a comunidade. O educador, por outro lado, atribui-se uma função primordial ao se tornar conciliador e impulsionador, sujeito apto a incitar perspicácia e descoberta.

Outro elemento irrefutável é propiciar espaços escolares que incentivem a soberania, impulsionem a fecundidade e ofereçam suporte emocional, corroborando que aprender igualmente é um sistema afetivo. No momento em que o estudante percebe que o ambiente escolar o respeita, o acolhe e o capacita para a vida e o mundo, o ensino deixa de ser uma carga e se torna uma estrada pretendida. Recobrar esse ambiente, entretanto, é mais do que harmonizar

mecanismos: é edificar relações, reconstituir pressupostos e fazer com que todo jovem reconheça que tal estágio possui significado, tornando real o seu presente e seu porvir.

Resultados e discussões

Os resultados alcançados comprovam que o descrédito no comprazimento dos alunos do Ensino Médio através dos estudos é percorrido por meio de um conjunto de valores interligados, numerosos, estruturais e concatenados às práticas peculiares dos jovens. As informações coletadas indicam que a maioria dos estudantes descrevem uma percepção contínua de desunião acerca do assunto escolar, bem como a sua conjuntura do dia a dia, o que se exterioriza tanto na privação de reconhecimento com as práticas educativas quanto na incompreensibilidade de inferir conhecimento imediato para aqueles que o aprendem. Tal assimilação é robustecida através da hegemonia de metodologias costumeiras, idealizadas por difusão de assuntos e pela avaliação coercitiva, que formam uma atmosfera de ansiedade de opressão e inquietação, ao invés de perspicácia e comprometimento. Desta maneira, o espaço escolar surge mais acerca de um ambiente de imposição do que como um lugar de experiência, o que restringe paulatinamente o estímulo inerente aos estudantes.

Outro ponto a se considerar diz respeito à exaustão pungente e ao sobrepeso de atividades. A rotina atarefada, oportunizando grandes jornadas acadêmicas com demandas familiares e, em diversas circunstâncias, incumbências profissionais, colabora com um estado de cansaço que enreda o abarcamento real dos estudos. A adversidade de estruturação e a aglomeração de encargos igualmente reproduzem insatisfação, movendo inúmeros jovens a tutelarem um comportamento de estresse e distanciamento dos compromissos educacionais. Tal propensão se exacerba em âmbitos onde não há suporte pedagógico especializado, muito menos ambientes de acolhimento afetivo no sistema escolar, o que forma um processo ininterrupto de desinteresse.

Suplementarmente, os resultados assinalam que a falta de interligações positivas com educadores e colegas desempenha a ingerência expressiva no enfraquecimento do contentamento. Estudantes que evidenciam conexões frágeis com o conjunto de professores, asseveradas por baixa interlocução, falta de compreensão e ausência de crítica construtiva, apontam camadas mais baixas de comprometimento. Simultaneamente, episódios de conflagrações através de pares, bullying ou distanciamento social denotam o impacto de não entrelaçamento, afetando não somente a interação escolar, mas igualmente a empolgação para aprender. Desse modo, ganha robustez o pensamento de que a interação pelo ensino não necessita somente de habilidades cognitivas, mas principalmente dos vínculos afetivos e do espaço socioemocional que a instituição de ensino fomenta.

A investigação identicamente aponta que inúmeros alunos convivem com inquietações em relação ao porvir, principalmente concernentes às provas de vestibular que irão prestar, bem como ao mercado de trabalho, o qual constitui uma vivência paradoxal, apesar de reconhecerem a essência dos estudos, a imposição relativa a tais expectativas gera uma estafa que culmina

implicando a instigação. Essa inquietude é intensificada através de impulso técnico substancial, uma vez que grande parte dos estudantes afirmam não perceber integralmente os percursos imagináveis após o término do Ensino Médio. Como resultado, o aprendizado deixa de ser apreendido acerca de uma ocasião de desenvolvimento pessoal e começa a ser notado como uma incumbência árdua e irrestrita.

Finalmente, os resultados dialogados revelam que a diminuição no contentamento dos estudantes não é agrupamento de um único integrante, mas outrossim de um sistema multifacetado, que rodeia desde práticas de ensino raramente expressivas até indagações emocionais, socioculturais e harmônicas. A argumentação destaca a primordialidade de metodologias de ensino mais colaborativas, que motivem, e de políticas escolares que considerem o estudante em sua integralidade, equilibrando exigências da participação ativa e acadêmicas com suporte socioemocional. Por conseguinte, o conflito da apatia escolar requer introduções abrangentes, que modifiquem o espaço escolar num lugar mais motivador, precioso e interligado aos delineamentos de vivência dos indivíduos.

Considerações finais

A presente investigação assentiu entender que a diminuição do entusiasmo dos estudantes do Ensino Médio através dos estudos é um episódio enigmático, asseverado por afluência de indicadores educacionais, tocantes, sociais e fundamentais. Averiguou-se que o desinteresse não acontece por ausência de propensões intrínsecas dos jovens, mas por um sistema escolar que, inúmeras vezes, não conversa com suas primordialidades, possibilidades e fidedignidades. A dominância de métodos didáticos habituais, pouco participativos e desassociados de realidades palpáveis coadjuva primordialmente à ausência de percepção outorgada ao ato de formar-se. No momento em que o estudante não discerne significância rápida ou iminente às temáticas, sua contribuição inclina-se a se moldar mecânica e remota.

Ademais, episódios como sobrepeso de atividades, fadiga emocional, vulnerabilidade nas conexões com educadores e colegas, incerteza em relação ao porvir e inexistência de adoção socioemocional denotam que a vivência escolar vai além da capacidade de compreensão. A motivação pelo conhecimento é demasiadamente dissimulada através de situações de vida dos sujeitos, pela atmosfera escolar e pela condição de apoio que recebem. Desta maneira, o desinteresse não pode ser concebido somente como desafeição individual ou coletiva, mas como um parâmetro de que a instituição acadêmica necessita reaver suas condutas e incumbir-se de uma função mais profunda na construção absoluta do estudante.

As análises pormenorizadas apontam que reveses dessa magnitude demandam resultados tecnicamente amplos. Remodelar diretrizes, robustecer relações cordiais no espaço escolar, oportunizar escuta analítica, englobar ferramentas científicas de modo crítico, oportunizar orientação técnica contínua e distinguir as contestações emocionais dos estudantes surgem como veredas possíveis para reconstruir o contentamento e enriquecer uma experiência mais

ativa e recíproca. De outra maneira, é essencial modificar a escola num ambiente que aprecie o jovem como indivíduo dinâmico, apto a edificar conhecimento e a idealizar seu porvir com responsabilidade.

Conclui-se, entretanto, que encarar o fato dos desatenciosos da sala de aula importuna ponderar a função da escola moderna e suas normas do dia a dia. Ao diferenciar o perfil dos estudantes e possibilitar espaços aconchegantes, significativos e comunicados, a academia coadjuva não somente para a preservação e o desempenho acadêmico, mas igualmente para a constituição de sujeitos analíticos, inovadores e envolvidos com seus delineamentos de vida. Tanto quanto reconquistar o aprendizado esquecido, refere-se a edificar um espaço escolar que motive, oriente e tenha um propósito para todos que dela possam participar.

Referências

- ALLAN, Luciana Maria. Os desafios da educação brasileira. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/97660/Desafios%20Da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Na%20Atualidade%20E%20Os%20Reflexos%20De%20Institui%C3%A7%C3%B5es%20De%20Ensino%20No%20Desenvolvimento%20Reg-.pdf?sequence=3>. Acesso em: 11 nov. 2025.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MORIN, Edgar. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. São Paulo: Cortez, 2000.
- OLIVEIRA, Cássio Rodrigo de. A indiferença de estudantes do ensino médio pelo conhecimento escolarizado: reflexões de um psicólogo a partir da perspectiva Histórico-Cultural. 2017. 90 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP, 2017. Disponível em: <https://momentum.emnuvens.com.br/momentum/article/download/216/167/417>. Acesso em: 14 nov. 2025.
- SANTOS, R. M.; NASCIMENTO, M. A.; ARAÚJO, M. J. Os sentidos da escola pública para jovens pobres da cidade do Recife. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, v. 10, n. 1, 2012. Disponível em: <https://momentum.emnuvens.com.br/momentum/article/download/216/167/417>. Acesso em: 10 nov. 2025.
- TARDIF, Maurice. Saberes Docentes e Formação Profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.